

## **A mulher, a terra e a vida: uma abordagem do culto às grandes mães**

Donizeth Aparecido dos Santos<sup>5</sup>

**Resumo:** Este trabalho apresenta, por meio de uma pesquisa bibliográfica, alguns dados sobre as Grandes Mães míticas, deusas da fecundidade e fertilidade humana, animal e vegetal, concebidas a partir da associação entre a mulher (mãe) e a terra, ocorrida no período Neolítico, e também o resgate do culto da divindade feminina, realizado pelo cristianismo por intermédio da figura da Virgem Maria. Partindo da mitologia egípcia, na qual o papel desempenhado por Ísis é extremamente relevante, passa-se à mitologia assírio-babilônica, onde destacam-se, Istar e Astarte; à mitologia grega, cujo panteão abriga as Deusas Mães Géia, Deméter, Réia e Hera; à mitologia africana, com os exemplos das deusas Ala e Woyengi, até se chegar ao cristianismo, no qual, após um longo período relegada a segundo plano, a divindade feminina ressurgiu no imaginário das sociedades cristianizadas através do culto à Virgem Maria.

**Palavras-chave:** Mitologia. Religião. Grande mãe. Virgem Maria.

**Abstract:** This article presents, through a bibliographical research, some information about the mythical Great Mothers, goddess of human, animal and vegetable fecundity

---

<sup>5</sup> Mestre em Letras. Departamento de Letras da Faculdade de Telêmaco Borba (Fateb) - Telêmaco Borba/Pr.

and fertility, conceived from the association between the woman (mother) and the earth, occurred in the Neolithic period, as well as the recovery of the female deity's worship accomplished by Christianity through the Virgin Mary's figure. From the Egyptian mythology, in which the role played by Isis is extremely important, this study goes to Assyrian-Babylonian mythology, where Istar e Astart are outstanding figures; to Greek mythology, whose pantheon shelters the Goddess Mothers Geia, Demeter, Reia and Hera; to African mythology, with the examples of the goddess Ala and Woyengi, up to Christianity, in which, after a long period banished to second role, the female deity reappears in the imaginary of the Christianized societies through the worship to Virgin Mary.

**Key-words:** Mytholog. Religion. Great Mother. Virgin Mary.

## **Introdução**

Os dados obtidos por pesquisas em diversas áreas do conhecimento humano mostram-nos que no período Neolítico predominava entre as civilizações pré-históricas o culto a uma Grande Deusa Mãe, uma divindade que era ao mesmo tempo mulher e terra, e, dessa forma, era a deusa responsável pela fecundidade e a fertilidade humana, animal e vegetal nas sociedades agrárias predominantes até esse período histórico, antes da difusão das sociedades pastoris e patriarcais.

De acordo com Eduardo de Assis Duarte (1999, p.196), essa ligação simbólica envolvendo a mulher e a terra é algo que remonta aos tempos pré-históricos, pois sendo a mulher elemento fecundante, detentora do mistério da criação e nutriz, qualidades que a tornaram Mãe, ela foi venerada entre as civilizações neolíticas como verdadeira responsável pela fertilidade do solo e abundância das colheitas. Amparando-se numa citação de Mircea Eliade, segundo o qual a consciência agrícola fundou o encontro místico entre a fecundidade da terra e a força criadora da mulher, o autor afirma que “a agricultura constituía-se num rito e a deusa-mãe era adorada como ser que podia dispor da vida e da morte, da fartura e da carência”.

Leonardo Boff, respaldando-se em Cole, considera o culto dedicado às Grandes Mães uma conseqüência direta do estabelecimento do matriarcado no início do período Neolítico:

O surgimento do matriarcado se deu no início do neolítico (8.000 a. C.). A humanidade deixa de ser caçadora e nômade, torna-se sedentária e começa a cultivar a terra. A mulher; colhendo os frutos da terra, porque não ia à caça como os varões, observava a natureza e seus ciclos. Começou a cultivar os frutos; fez-se dona deles e da terra cultivável; a agricultura implica estabilidade e assim modifica as relações econômicas, jurídicas e psicológicas. A mulher assume a liderança em tudo. (BOFF, 1979, p.232)

Nesse contexto, em que os mistérios vividos pela mulher estão ligados à agricultura de modo indissociável é que emergem as figuras das Grandes Mães em praticamente todas as civilizações neolíticas.

Às correlações simbólicas envolvendo a mulher e a terra, Chevalier e Gheerbrant (2001, p.580) acrescentam um outro elemento, a água, ao afirmarem que na simbologia da mãe encontra-se a mesma ambivalência identificada nos símbolos da terra e do mar, correlacionando-se a vida e a morte. Para os dois autores<sup>6</sup>, nascer é sair do ventre da mãe e morrer é retornar a ela, ou seja, à terra.

Antonio Carlos Farjani (1987) também toca nessa questão da ligação simbólica entre a mulher e a terra, e a ligação que envolve ambas ao nascimento e a morte. Para o autor, a terra se destaca na mente primitiva, principalmente, em seu caráter de Mãe.

A associação entre terra e mãe pertence à mitologia universal, cuja fundamentação repousa num conceito a princípio bastante simples: ela é “mãe” porque dela nascem todas as criaturas, e dela tiram o seu sustento. A fórmula homo-humus expressa claramente a idéia que o homem faz de si mesmo como produto do subsolo; na Bíblia, o primeiro ser humano, criado por Deus a partir do barro, chama-se Adam (homem), cujo nome tem sido associado por alguns a adamah (terra). No entanto, não se restringe o subsolo somente ao papel de gerar, dada sua íntima relação com o processo da morte; estas características na aparência contraditórias, unem-se de forma indissolúvel a nível simbólico. Seu melhor exemplo está na semente, que para germinar necessita “morrer”, despedaçar-se no subsolo, dando através do seu “sacrifício” origem a uma nova planta; este é o modelo agrário do mito do herói, que para

---

<sup>6</sup> Aqui nos afastamos do elemento água por este fugir ao escopo do trabalho.

iniciar-se deve antes “morrer” para a existência profana. Assim como o herói nasce (ou renasce) a partir da morte do homem comum, é da matéria morta encerrada no subsolo que a terra produz uma nova vida. Acumula dessa maneira o mundo ctônico duas funções simbólicas distintas: a do ventre e a do sepulcro; em outras palavras, o leito da terra-mãe é a uma só vez o leito onde se é parido e o leito onde se dorme o sono da morte. (FARJANI, 1987, p.171)

A análise do autor, embora muito parecida com a de Chevalier e Gheerbrant, traz alguns dados novos, como, por exemplo, a lembrança do mito bíblico da criação humana, no qual Deus é o pai criador e a mãe é a terra, de cujo barro, moldado pelas mãos de Deus deu origem ao primeiro ser humano: Adão. A aproximação etimológica feita pelo autor é muito significativa devido às semelhanças que tornam muito próximos os vocábulos homo (homem) e húmus (substância fertilizadora produzida pela decomposição parcial de restos vegetais ou animais), e Adam (homem) e adamah (terra).

A observação feita por Farjani sobre a correlação vida e morte no ciclo da vida humana e no ciclo da vida vegetal nos lembram a “mãe devoradora” que concebe a vida, alimenta a prole e depois a exige de volta. Na Bíblia, temos dois bons exemplos da aproximação útero/túmulo enfatizada pelo autor, que transformam o mesmo leito de nascimento no leito de morte e confirmam esse eterno nascer e retornar à terra. O primeiro deles, encontramos no Livro do Eclesiástico e refere-se a todos os seres humanos: “Uma grande preocupação foi imposta a todos os homens, e um pesado jugo carrega sobre os filhos de Adão, desde o dia em que eles saem do ventre de sua Mãe, até o dia da sua sepultura (em que eles entram) no seio da mãe de todos” (BÍBLIA, 1971, p.799); e o outro encontra-se no Livro de Jó, fazendo uma referência que ultrapassa o caráter individual para alcançar um significado universal, atingindo toda espécie humana: “Nu saí do ventre de minha mãe, e nu me tornarei para lá (para o seio da mãe terra)” (BÍBLIA, 1971, p.576). Finalizando esse comentário, é necessário observar que na mitologia judaica (bíblica), a Mãe-Terra exerce uma função passiva, muito próxima (mas não idêntica) do papel exercido por Géia (sobre a qual falaremos depois) na mitologia grega.

Em quase todas as mitologias de povos da antiguidade são encontrados vestígios dessas deusas Grandes Mães, que apresentavam nomes diferentes e características similares nos diversos lugares em que eram cultuadas, como nos mostra a afirmação de Leonardo Boff:

Da Índia ao Mediterrâneo, em quase todas as culturas, como mostrou Neumann em seu já citado e famoso livro *A grande mãe*, encontramos estatuetas de deusas-mães. Com seus seios exuberantes revelam ser as geradoras e alimentadoras de todos os seres, também dos deuses. Na Suméria se chama Inana e na Babilônia Ishtar, posteriormente identificadas. Ela dirige o céu e a terra, “altíssima”, a “gloriosa” que tudo gera, sendo o zodíaco o seu cinto. No Egito a grande deusa se chama Ísis. Ela era venerada como a grande deusa criadora do céu e da terra, dos deuses e dos homens. (BOFF, 1979, p.243)

Essas deusas que hoje sobrevivem, principalmente, através da literatura, predominaram no imaginário popular até o advento das sociedades patriarcais, quando então foram relegadas a segundo plano. No entanto, a divindade feminina voltaria a ser cultuada após a consolidação do Cristianismo, na figura da Virgem Maria.

### **A deusa do Nilo**

Rundle Clark, em *Mitos e símbolos do antigo Egito* (19--., p.23), afirma que é provável que o culto principal do povo egípcio pré-histórico tenha sido o da Deusa Mãe, que, no primeiro panteão da mitologia egípcia também simbolizava o céu. De acordo com o autor, ao que tudo indica, esse culto da deusa parece ter se mantido vivo em meio ao povo durante um tempo indefinido, reaparecendo sempre que a religião oficial se enfraquecia, “até que finalmente enfrentou todos os outros deuses na grande expansão dos mistérios de Ísis nos séculos II e III a. C.” (CLARK, 19--.,p.24). Antes dessa expansão, a Deusa Mãe egípcia tinha outras características e era conhecida também por outros nomes: Hathor, Nut, Sothis, Nekhebet e Neith.

A partir da consolidação do culto de Ísis, ela passou a personificar todas as outras deusas. Todas elas fundiram-se a ela, a principal Grande Mãe egípcia, cujo mito se expandiu por diversas regiões do mundo conhecido na antiguidade. De acordo com Leonardo Boff:

Ela era venerada como a grande deusa criadora do céu e da terra, dos deuses e dos homens. Talvez tenha sido Ísis a deusa mais venerada no mundo. Seu reinado perdurou até para dentro da cultura romana e grega e mesmo penetrando na cultura cristã. Sabemos que, na cultura cristã antiga, muitas estátuas negras de Ísis com Hórus, seu filho, no colo, foram veneradas como sendo a Virgem Maria com o divino Menino. Os vários santuários católicos que cultuam a Virgem negra parecem remontar ao culto transposto de Ísis. (BOFF, 1979, p.243)

Mário Curtis Giordani (1993, p.157) observa que o culto à deusa egípcia era comum antes da era cristã em alguns reinos africanos próximos ao Egito, como, por exemplo, em Méroe, capital do reino Kush, e talvez por isso, “os meroitas concediam grande importância às mães dos reis” (GIORDANI, 1993, p.91), levando-os no decorrer de sua história a um sistema de poder matriarcal.

Segundo Pierre Brunel (2000, p.498), o mito que transformou Ísis numa Grande Deusa Mãe começa quando seu irmão e esposo Osíris é assassinado por Seth (irmão de ambos), que mutila e espalha os pedaços do corpo da vítima. Ísis sai a procura e reúne todas as partes do corpo de Osíris (com exceção do pênis que não fora encontrado e que ela teve que remodelá-lo com limo e saliva) e consegue restituir-lhe a vida. Depois, concebe Hórus, mantendo o filho escondido devido à ameaça de Seth.

O autor observa que a ressurreição de Osíris simboliza a renovação vegetal, o que faz com que Ísis herde a função de deusa agrária da fertilidade, e por ter restituído a potência sexual de Osíris (através da concepção de Hórus) ela se torna doadora da fecundidade, herdando também a função maternal, acrescentando que essas duas atribuições de Ísis (deusa agrária e deusa mãe) “irão juntar-se na época do Baixo-Império para formar a figura da mãe universal, herdeira do mito primitivo da Terra-Mãe” (BRUNEL, 2000, p.499).

Sobre a função agrária de Ísis, Veronica Ions (1968, p.62) afirma que a sua veneração como deusa da fertilidade é uma das partes mais importantes do seu culto. Segundo a autora, Osíris (irmão e marido da deusa) representa as cheias do rio Nilo enquanto que ela simboliza a rica terra do Egito, tornada fértil todo ano pelo transbordamento do grande rio e que tinha que ser protegida do deus Seth, personificado no deserto que ameaçava a terra egípcia.

Ísis, além de ter absorvido as divindades do panteão Heliopolitano, também é identificada ou confundida com todas as deusas conhecidas como Grandes Mães. Desse modo, ela teve seu culto expandido para além das fronteiras egípcias, sincretizando-se às deusas da mitologia grega, assírio-babilônica, fenícia e romana. Um dos mais evidentes exemplos desse sincretismo é a sua semelhança com Deméter, a Grande Mãe grega da terra cultivada, diferindo-se dela somente pelo nome, conforme observação feita por Pierre Brunel:

Como Ísis, Deméter passa pela perda de um ente querido: sua filha Cora é raptada por Hades: ela, também, se põe em busca da desaparecida, e consegue que Cora ressurja, em cada primavera, do mundo subterrâneo onde fica retida durante o inverno. As duas lendas constituem, portanto, explicações similares da renovação vegetal. (BRUNEL, 2000, p.499)

Através desse contato com as deusas gregas, Ísis influenciou e também recebeu influências, tomando delas, por exemplo, a túnica longa.

O culto à deusa Ísis, conhecida como “aquela de muitos nomes” (VERSLUIS, 1991, p.40), segundo Brunel (2000, p.500), entrou em moda em Roma durante o apogeu do Império Romano, em que a deusa recebeu diversas e diferentes associações: foi associada a Io, porque esta transformada em vaca lembrava a Hathor egípcia; na associação com Vênus foi representada nua, sendo reconhecível apenas por seu xale franjado colocado bem próximo sobre uma híbria e por um cenário constituído por rosas (um de seus atributos). Lá, também, recebeu os nomes de Ísis-Fária com a incumbência de ser a protetora dos marinheiros; Ísis-Pelógia (deusa das ondas) e Ísis-Fortuna, nome pelo qual cumpriu uma função essencial como protetora, tornando-se a providência todo-poderosa, suplantando as forças do destino. Acreditando que o mito de Ísis sobreviverá a seu culto, o autor afirma que este só perde em prestígio para o cristianismo, e continua sendo um dos mais vivos do paganismo, mesmo este estando em declínio.

### **As deusas do barro**

Outra Grande Mãe primitiva é Istar da mitologia babilônica. De acordo com Brunel (2000, p.505-506), ela é o resultado da fusão

de duas divindades mais antigas: a Inana, Deusa-Terra e Deusa-Mãe sumeriana, e Istar, deusa semítica dos combates e da estrela da manhã, de quem conservou o nome. Essa origem contendo atribuições tão diferentes como o amor, a fecundação e a guerra, explicam o caráter ambivalente da deusa, encontrando-se nele, segundo o autor (BRUNEL, 2000, p.505), “benevolência e crueldade, vida e morte”, mas permanecendo no culto à deusa no Oriente Próximo antigo, a prioridade à função de deusa do amor, fértil e fecunda.

Há uma versão do mito da deusa muito semelhante ao de Ísis, o que fortalece os indícios de sincretismo entre elas. Vejamos a descrição feita por Brunel de um dos principais rituais da Grande Mãe babilônica que evidencia essa semelhança:

Um dos principais rituais do culto babilônico consiste em encenar e reproduzir, por cerimônias, as lamentações de Istar pela morte do jovem deus-pastor Tamuz (ou Dumuz), que ora é seu filho, ora seu irmão e seu marido. Depois de longas liturgias, manifestações de júbilo celebram a ressurreição do deus trazido de volta à vida por Istar, que reaparece estreitado em seus braços. Tamuz personifica a natureza vegetal, identificação mais compatível com a lenda que o faz morrer triturado num moinho do que com a versão mais freqüente que ele é morto por um javali. Sua morte momentânea simboliza o estiolamento da vegetação, não no inverno – como nos mitos ocidentais – mas durante a seca de julho (mês de Tamuz). (BRUNEL, 2000, p.505)

O autor descreve uma outra versão do mito em que a deusa aparece sincretizada também com a Deméter grega, sobre a qual já abordamos o seu sincretismo com Ísis. Nessa outra versão, é confiada à deusa a função de divindade vegetal que morre e renasce como a natureza. Istar desce ao reino dos mortos e durante o tempo em que lá permanece, há uma grande seca que mata a vegetação e uma suspensão na procriação animal e humana, não sendo possível assim dissociar a Istar fértil (Deusa-Terra) da Istar fecunda (Deusa-Mãe).

Na mitologia fenícia, temos uma réplica de Istar: Astart, cujos atributos são quase os mesmos da Grande Mãe babilônica. Tassilo Orpheu Spalding descreve-a da seguinte forma: “Astart era a personificação da fecundidade, a deusa da maternidade e da fertilidade, a deusa-mãe; entre os assírios-babilônicos assumiu, também, aspectos

bélicos; mas o primitivo sempre prevaleceu na Fenícia” (1992, p.113). Assim como Istar, ela também desceu aos infernos em busca de Adônis (o Tamuz fenício morto por um javali), e ao ser assimilada pelos gregos ela se tornou Astartéia, e depois foi identificada com Afrodite, a deusa do amor, enquanto que a função vegetal de Astart (tomada de empréstimo de Istar ) foi assimilada por Deméter.

### **As deusas do Olimpo**

De acordo com Junito Brandão (1999, p.44), na Grécia do período Neolítico II (aproximadamente 3000-2600 a.C.) a divindade soberana era a Mãe-Terra, representada por estatuetas semelhantes às cretenses, sob formas volumosas e esteatopígicas, cujas funções eram fertilizar o solo e tornar fecundos os rebanhos e os seres humanos. Segundo o autor, esse culto só iria entrar em declínio a partir das primeiras invasões helênicas, dos Jônios por volta 1950 a. C., que implantaram a religião patrilinear indo-européia na Grécia, fato que explica o desaparecimento quase total das estatuetas e do culto à Grande Mãe nessa época, pelo menos nos núcleos urbanos gregos.

Séculos depois, após a invasão dos Aqueus, o segundo povo indo-europeu a chegar à Grécia, os gregos conquistaram a ilha de Creta, cuja religião era centrada no culto à Grande Mãe e algumas das suas principais hipóstases (Réia, Hera) foram assimiladas pelos gregos, muitas vezes com funções diferentes das exercidas em Creta, mas mantendo sempre um traço comum que é o da fecundidade. Junito Brandão define esse sincretismo religioso que criou uma religião em que havia um equilíbrio entre o patrilinear e o matrilinear:

De seu mundo indo-europeu os gregos trouxeram para a Hélade um tipo de religião essencialmente celeste, urânica, olímpica, com nítido predomínio do masculino, que irá se encontrar com as divindades anatólias de Creta, de caráter ctônio e agrícola, e portanto de feição tipicamente feminina. Temos, pois, de um lado, um panteão masculino (patrilinhagem), de outro, um panteão, onde as deusas superam de longe (matrilinhagem) aos deuses e em que uma divindade matronal, a Terra-Mãe, a Grande Mãe ocupa o primeiríssimo posto, dispensando a vida em todas as suas modalidades: fertilidade, fecundidade, eternidade. Desses dois tipos de religiosidade, desse sincretismo, nasceu a religião micênica. Diga-se, de passagem, que esse encontro do masculino helênico com o feminino minóico há de fazer da religião posterior grega um

equilíbrio, um meio-termo, muito a gosto da “Paidéia” grega posterior, entre a patrilinearidade e a matrilinearidade. (BRANDÃO, 1999, p.70)

Conforme o autor, essa influência matrilinear cretense fazia com que a mulher tivesse liberdade, estima e respeito no reinado dos aqueus. Esse equilíbrio de forças só iria acabar a partir das invasões dos Dórios ocorrida, mais ou menos, em 1200 a. C. No reinado dos Dórios, o último dos povos helênicos a chegar à Grécia, instaurou-se uma sociedade de cunho patrilinear, na qual as deusas hipóstases da Grande Mãe foram alijadas.

As principais Grandes Mães da mitologia grega, para Junito Brandão, foram Géia, Deméter, Reia e Hera, as quais o autor considera apenas “nomes diferentes de uma única deusa” (2000, p.157).

Géia (BRANDÃO, 1999, p.185) é a Terra concebida como elemento primordial e deusa cósmica. Dela nasceram todos os seres porque é mulher e mãe, e por isso a doçura e a submissão são suas virtudes básicas. Concebendo todos os seres (inclusive os deuses), as fontes, os minerais e os vegetais, ela simboliza a função materna: matriz, a Tellus Mater. Conforme a Teogonia Grega, Géia gerou Urano, e este a cobriu gerando outros deuses (Cronos e Réia, entre outros). Num primeiro momento, ela exerce uma função ativa, típica das Grandes Mães, concebendo e dando à luz a Urano sozinho pelo processo de partenogênese, conforme explicação de Mircea Eliade (1978, p.61), e num segundo momento, ela passa a agir passivamente ao ser coberta por Urano.

Diferentemente de Géia, tida como elemento cósmico, Deméter (BRANDÃO, 1981, p.281) é a divindade da terra cultivada. Ela é essencialmente a deusa do trigo, tendo ensinado aos homens a arte de semeá-lo, colhê-lo e fabricar o pão. Sua personalidade é, simultaneamente, religiosa e mítica:

Deméter é, pois, a Terra-Mãe, a matriz universal e mais especificamente a mãe do grão, e sua filha Core o grão mesmo do trigo, alimento e semente, que, escondida por certo tempo no seio da Terra, dela novamente brota em novos rebentos, o que, em Elêusis, fará o símbolo da imortalidade. (BRANDÃO, 1999, p.285)

Seu culto muito difundido na Grécia até às invasões dórias, estava indissolúvelmente ligado à sua filha Core, também

denominada de Perséfone e, conforme afirmamos na seção dedicada a Ísis, seu mito apresenta muitas semelhanças com o da deusa egípcia, tendo, inclusive, a exemplo desta, seu culto vinculado aos mistérios (Mistérios de Ísis e Mistérios de Elêusis). Esses mistérios referem-se a representação da busca empregada por Deméter para reencontrar a filha Core raptada por Hades.

Réia, filha de Géia e mãe de Deméter, é outra das Grandes Mães gregas. Sua origem, ao que tudo indica está na Ilha de Creta, de onde foi assimilada pelos povos helênicos. Segundo Brandão (1999, p.201), ela é, sem dúvida, uma Grande Mãe cretense, que no sincretismo creto-micênico decaiu de posto tornando-se apenas esposa de Cronos e atriz de um drama mitológico, acrescentando que no Império Romano a deusa (antiga divindade da terra) fundiu-se a Cibele (Grande Mãe anatoliana sobre a qual falaremos a seguir). Para o autor, Réia simboliza a energia escondida no seio da terra e é a fonte primordial ctônia de toda a fecundidade, pois gerou os deuses dos quatro elementos (Deméter, Poseidon, Zeus, Héstita, Hera e Hades). Em virtude de Cronos engolir os filhos recém-nascidos, fugiu para a ilha de Creta onde secretamente deu à luz a Zeus, entregando depois uma pedra envolvida em linho ao marido, que a engoliu pensando tratar-se do filho recém-nascido. Este, tempos depois, destronou o pai e libertou seus irmãos.

Cibele é uma divindade da fertilidade e da fecundidade originária da Anatólia. Brandão (1981, p.206-207) observa que essa deusa, muitas vezes chamada de Mãe dos deuses, é uma Grande Mãe oriental que domina toda a natureza, personificando a força da vegetação. Das montanhas e grutas da Ásia Menor, seu culto se expandiu por todo o território grego a partir do século VI a. C., e embora não tenha tido uma grande projeção no mundo helênico, alcançou seu triunfo no período do Império Romano.

Hera, filha de Réia e Cronos e irmã e esposa de Zeus, embora seja mais conhecida como “a rainha do Olimpo” e protetora das esposas legítimas e símbolo da fidelidade conjugal, também possui algumas características que a tornaram uma Grande Mãe. Eliade cita a deusa como exemplo de Terra-Mãe: “... durante milênios a Terra Mãe dava à luz sozinha, por partenogênese. A

lembrança desse mistério sobrevivia ainda na mitologia olímpica (Hera concebe sozinha e dá à luz Hefesto e Ares)...” (1978, p.61), e Brandão observa que a união entre Zeus e Hera é como um símbolo da natureza inteira: “é por intermédio de ambos, do calor dos raios do sol e das chuvas, que penetram o solo, que a terra é fecundada e se reveste de luxuriante vegetação” (1981, p.514). Desse modo, Hera simboliza a Mãe-Terra fecundada pelos raios de sol e pela chuva (o sêmen) do esposo divino.

### **As deusas de ébano**

Sem se esquecer que Ísis, a maior de todas as deusas da fertilidade e da fecundidade, é uma Grande Mãe africana, embora os estudos eurocêntricos tenham sempre tentado esconder esse fato, o pesquisador norte-americano Clyde Ford (1999, p. 168-172) indagava onde estariam outras manifestações da deusa no continente africano, em razão de serem escassos os registros sobre a presença dela na África. Justamente lá, o lugar considerado o berço da humanidade, de onde a vida teria surgido pela primeira vez e se espalhado por todo o mundo. O continente chamado carinhosamente de Mãe-África por seus filhos (africanos e afro-descendentes).

Incomodado por esse silêncio que poderia indicar uma possível ausência da Grande Mãe na África, Clyde Ford foi em busca de vestígios que pudessem comprovar a presença da deusa em solo africano. Partindo das evidências do reinado ancestral da Deusa-Mãe, gravadas nas rochas e esculturas dos centros populacionais primitivos europeus e asiáticos que confirmam a “era mundial da deusa”, e folheando inúmeros livros sobre o assunto, nos quais nada se dizia sobre a África, encontrou finalmente uma resposta coerente em Leo Frobenius, que pode explicar essa estranha falta de provas arqueológicas sobre a presença da Grande Mãe na África, excetuando-se o Egito:

Leo Frobenius foi a voz solitária que deu uma resposta sobre esse descompasso na descrição da Deusa na África. Não que ela não tenha existido, afirmou ele com ousadia em 1927, mas fora aquele mesmo ideal que os outros contemplaram – só que suas raízes africanas tinham sido esquecidas há muito tempo. Frobenius declarou que as mais antigas estatuetas da Deusa foram, na verdade, criadas na África, e esse modelo

depois migrou junto com a diáspora da África para a Europa e para lugares mais distantes. Mas essas imagens africanas foram esculpidas em madeira, não em pedra, e assim não puderam resistir à investida do tempo. (FORD, 1999, p.169)

Ainda com a indagação presa na garganta, de como ela se manifesta na África, Clyde Ford se deparou com os estudos do antropólogo inglês Victor Turner, que nos anos 50 estudou os ritos de iniciação masculina e feminina entre os Ndembus da África Central e concluiu que a cultura desse povo africano se fundava em “um princípio maternal ou feminino que permeia sociedade e natureza” (apud FORD, 1999, p.170). Ford acredita que essa definição começa a delinear a natureza da deusa, talvez mais bem entendida como um arquétipo:

Uma imagem primordial que habita em nós e se expressa em nossos sentimentos e atos, em nossas crenças e atitudes – dos instrumentos que criamos e dos mitos que elaboramos às visões de mundo que mais prezamos, à maneira como agimos no mundo em relação a nós mesmos e aos outros. “Uma mulher com o seu bebê”, observa Joseph Campbell, “é uma imagem fundamental da mitologia”.

[...]

Assim, por intermédio da Deusa, o indivíduo participa do grande mistério da existência, no plano do cosmos, da terra, da sociedade e do eu. (FORD, 1999, p.170-171)

No entanto, na mitologia africana, o autor observa que a Grande Mãe está quase sempre escondida. A principal razão para isso, segundo ele, é o fato de que os dados mitológicos africanos foram coligidos, registrados e interpretados por missionários, exploradores e aventureiros, e não por especialistas profissionais (mitólogos, antropólogos e etnógrafos), acrescentando que quase todos esses homens responsáveis pelo registro e interpretação desses dados eram em sua maioria cristãos, com inclinações e motivos que interferiram nesses registros: “O dogma cristão predispunha-os a encontrar um Criador Supremo que fosse homem, mesmo que o relato africano original dissesse o contrário” (FORD, 1999, p.171). Para reforçar seu argumento, Ford cita os exemplos da deusa Nyame dos Akans, cujos primeiros registros descreviam-na como um Deus

Supremo, e de outras divindades africanas descritas, às vezes, como homem, outras, como mulher e também como andrógino, como são os casos de Nzambi dos Bacongós, Nana Buluku e Mawu-Lisa dos Fons, Oduduá e Obatulá dos Iorubas, Obosson também dos Akans e Nalwanga dos Bassogás, entre outras.

Convencido de que a Grande Mãe nunca esteve ausente da África, opinião também compartilhada por Geoffrey Parrinder (1967, p.77), para quem a crença no poder espiritual e criador da terra é encontrada em todo o continente africano, Ford cita vários exemplos coletados por ele da presença da deusa em terras africanas para além das fronteiras egípcias, dos quais selecionamos os casos de Ala e Woyengi.

A deusa Ala de Ibo, região a leste da Nigéria, é uma das principais dessas divindades. Como Mãe-Terra, ela dá a fertilidade para boas colheitas e a fecundidade aos seres humanos e recebe-os em seu útero (túmulo) quando a morte os apanha. Ela era freqüentemente representada através de esculturas de madeira. Observemos esse cântico em louvor à deusa:

Sagrada Mãe Terra  
Guia dos que vivem sobre Ela  
Cujas leis o povo de Ibo obedece,  
Vivendo na sinceridade e retidão  
que são os preceitos da Deusa Ala;  
é Ela quem traz a criança ao útero  
e Ela quem dá a vida,  
sempre presente durante a vida  
e acolhendo aqueles cuja a vida se encerrou,  
recebendo-os de volta em Seu útero sagrado,  
“a bolsa de Ala”. (apud. FORD, 1999, p.168)

Ainda na Nigéria, dos Ijos do Sul, vem o mito de uma outra deusa mãe: Woyengi. Ford descreve o ritual da criação da vida dessa Grande Mãe africana:

Houve uma vez um campo imenso, e nesse campo se erguia uma enorme árvore iroko com raízes esparramadas. Um dia, o céu escureceu e de lá desceu sobre o campo uma mesa grande, uma cadeira grande e uma imensa pedra da criação. E sobre a mesa havia uma grande quantidade de terra. Então houve relâmpagos e trovões, e Woyengi, a Mãe desceu.

Ela sentou-se na cadeira e colocou os pés sobre a pedra da criação. Com a terra sobre a mesa Woyengi moldou os seres humanos. Mas eles não tinham vida, não eram nem homens nem mulheres, e Woyengi, abraçando um por um, soprou dentro de cada um deles que se tornaram seres vivos. Mas, como ainda não eram nem homens nem mulheres, Woyengi perguntou a cada um de qual sexo queria ser. Assim os fez, de acordo com a escolha deles. Em seguida, Woyengi perguntou-lhes, um por um, que tipo de vida queria ter na terra. Alguns pediram riquezas, outros pediram filhos, outros, ainda, vidas curtas, e coisas de todo de todo tipo. E Woyengi concedeu essas coisas a cada um, conforme o desejo deles. Então Woyengi perguntou a cada um que tipo de morte eles retornariam a ela. E, dentre as doenças que afligem a terra, cada um escolheu a sua. A todos esses desejos Woyengi disse: Assim seja. (FORD, 1999, p. 180-181)

O autor acrescenta que a Grande Mãe da criação revela-se por meio de três símbolos amplos de sua procedência e poder: a “árvore” relacionada a vegetação, que por sua vez provém da “terra” com sua força criadora, e a “pedra” que representa a montanha, com suas grutas, cavernas e fendas que simbolizam o útero da deusa.

Clyde Ford, ao finalizar a análise pela qual procurou preencher a lacuna que existe nos registros arqueológicos sobre a representação da Grande Mãe no continente africano, afirma que identificou a presença da deusa na África por meio de rochas, árvores, cobras e búfalos, entre outras manifestações. Sem ter nenhuma certeza, mas acreditando que é uma possibilidade a ser considerada, observa que talvez essa falta de objetos que representam a deusa em tempos remotos seja devido a desnecessidade de representá-la em pedra, já que ela era contemplada na pedra bruta, vivenciada nos rituais e sentida nas caçadas na floresta, numa época em que havia uma interação mística profunda entre o homem e a natureza (a Mãe-Terra). Dessa forma, a necessidade de representar a deusa em estatuetas só surgiu quando a humanidade se distanciou dessa interação com o arquétipo, e assim, através da representação, procurou lembrar uma época primeva em que ela se aninhava no seio da Grande Mãe.

Concluindo seu raciocínio, Ford observa que a Grande Mãe africana era reverenciada em várias regiões da Europa e da Ásia. Citando como exemplo o culto de Ísis, enormemente difundido não só em épocas antigas mas também em tempos mais recentes, o autor assinala que em uma visita à Roma, ao apreciar os afrescos

do pintor italiano renascentista Pinturicchio, na Sala dos Santos do palácio Borgia (perto da Capela Sistina), se deparou com vários painéis que retratavam o mito de Ísis e Osíris. Por se encontrar ali, no centro da tradição mosaica, imaginou que se escutasse com devoção, ouviria a deusa proferir estas palavras:

Eu sou a Natureza, a mãe universal, senhora de todos os elementos, filha primeira do tempo, soberana de todas as coisas espirituais, rainha dos mortos, rainha também dos imortais, manifestação única de todos os deuses e deusas existentes. Meu arbítrio governa as alturas resplandcentes do Paraíso, as brisas marinhas benéficas, os silêncios lastimosos do mundo abaixo. Embora eu seja cultuada sob várias formas, conhecida por numerosos nomes e agraciada com todas as espécies de ritos, ainda assim a terra inteira me venera [...] e os egípcios, que primam no conhecimento ancestral e me cultuam com cerimônias próprias da minha divindade, chamam-me por meu nome verdadeiro, o de Rainha Ísis. (FORD, 1999, p.202)

### **A deusa cristã**

Com a passagem do sistema matriarcal para o patriarcal nas principais sociedades do mundo antigo, o culto às Grandes Mães foi relegado a segundo plano, predominando então os deuses masculinos. No entanto, a partir da instituição do cristianismo a divindade feminina ressurgiu no imaginário das sociedades cristianizadas através do culto à Virgem Maria.

Maria, segundo a tradição cristã, concebeu Jesus Cristo por obra do Espírito Santo, a terceira pessoa da Santíssima Trindade, conforme essa passagem do evangelho de São Mateus:

Ora o nascimento de Jesus Cristo foi deste modo: Estando Maria, sua mãe, desposada com José, achou-se ter concebido (por obra) do Espírito Santo, antes de coabitarem. E José, seu esposo, sendo justo, e não a querendo difamar, resolveu deixá-la secretamente. Ora, andando ele com isto no pensamento, eis que um anjo do Senhor lhe apareceu em sonhos, dizendo: José, filho de Davi, não temas receber Maria como tua esposa, porque o que nela foi concebido é (obra) do Espírito Santo. E dará à luz um filho ao qual porás o nome de Jesus, porque ele salvará o seu povo dos seus pecados. (BÍBLIA, 1971, p.1178)

No Concílio de Éfeso em 431, Maria até então considerada “Mãe de Jesus Cristo” foi proclamada “Mãe de Deus”. Leonardo

Boff expõe as razões para o reconhecimento pela Igreja Católica da “maternidade divina” de Maria:

A maternidade de Maria é divina porque ela se tornou divina. O outro pólo reside em Jesus verdadeiro Deus. A maternidade humana - o ter gerado o homem Jesus - constitui fundamento para a maternidade divina porque este homem gerado por ela é também Deus. Por isso a fé cristã sempre proclamou Maria Mãe de Deus. Isto significa: a pessoa cuja carne foi concebida de fato nas entranhas da virgem Maria e de suas entranhas é direta e propriamente, real e verdadeiramente, sem figura e sem metáfora, a Segunda Pessoa da SS. Trindade. Jesus é homem de verdade e Deus de fato de tal modo que nunca foi só homem. Maria não gerou um filho que, posteriormente, foi unido à Segunda Pessoa da SS. Trindade. Ela gerou alguém que, desde o primeiro instante da concepção, é pessoalmente Deus. Por isso Maria é Mãe de Deus encarnado. (BOFF, 1979, p.170)

Segundo Macedo (1990, p.45), até o Concílio de Éfeso em 431 a projeção da imagem de Maria sobre os cristãos foi lenta, mas ao longo da Alta Idade Média a sua popularidade se firmou entre eles, chegando a um desenvolvimento assombroso do seu culto depois do século XI.

Para Leonardo Boff (1979, p.166), Maria não é somente a Mãe de Jesus e Mãe de Deus, ela é também a Mãe de todos os homens. É uma verdadeira Mãe com tudo o que implica a maternidade como forma de geração (progenitora) humana. É a Mãe espiritual de todos os redimidos, e, desse modo, o autor acrescenta que, assim como gerou Jesus Cristo, ela continua a gerar os cristãos, tornando-se também a Mãe da Igreja Católica. Ainda segundo Leonardo Boff (1979, p.224), a fé dos cristãos em relação a Maria está situada mais no universo simbólico-mítico do que no lógico-conceptual. Vejamos a observação feita por ele:

A idéia de Maria, virgem, Mãe de Deus, esposa do Espírito etc. atrai um grande número de mitos e a coloca bem próxima daquela profundidade humana que encontra seu veículo de expressão no símbolo e nas imagens que emergem dos estratos arqueológicos de nossa psique.

[...]

O tema da Virgem Mãe que protege com seu manto os filhos cala profundamente na psique e vem ao encontro da experiência de desamparo e de busca de aconchego, tão ausentes na vida humana. (BOFF, 1979, p.224-226)

Na configuração do símbolo de Maria, o autor reconhece a influência das mitologias consideradas pagãs pelo cristianismo. Os convertidos ao cristianismo, procedentes desses outros universos mitológicos, trouxeram para dentro deste a sua experiência religiosa. Desse modo, “convertendo-se, os pagãos, veneradores de suas deusas e virgens, substituíram os nomes pagãos por aquele de Maria” (BOFF, 1979,p.226), muitas vezes trocando apenas o nome e conservando a forma ritual e a figura da deusa, sendo que muitos santuários dedicados às deusas pagãs foram transformados em santuários dedicados à Maria.

### **Considerações finais**

A mulher e a terra simbolizam “vida”, pois elas são as responsáveis pela continuação da existência das espécies humana e vegetal. É no ventre da mulher que o sêmen lançado fecundará e se tornará outra vida humana. É no ventre da terra que a semente lançada germinará, dando origem a uma nova planta. Por isso, é compreensível que, no momento em que a humanidade tornou-se sedentária e aprendeu a cultivar a terra, atividade que no início coube a mulher, o papel essencial que ambas representavam para a sobrevivência humana convergisse para o surgimento de uma deusa mãe, formada simbolicamente pela mulher (mãe) e pela terra, num tempo remoto em que o homem pré-histórico carecia de divindades.

Assim, surgiram as Grandes Mães neolíticas e seus cultos proliferaram pela terra e só perderam importância quando o mundo, que então já contava com a presença de deuses masculinos, tornou-se patriarcal, substituindo um matriarcado que durou milênios.

Ísis, Istar, Astart, Géia, Deméter, Réia, Hera, Cibele, Ala e Woyengi, apesar de possuírem diferenças entre si, são, essencialmente a manifestação de uma mesma deusa: a Grande Mãe, que mesmo sufocada pelo domínio do sistema patriarcal não desapareceu de todo, ressurgindo, a partir do advento do cristianismo, através do culto à Virgem Maria, embora nesse ressurgimento se extinguisse a função agrária da fertilidade, ficando apenas a função maternal, configurada conforme o modelo cristão da mulher-perfeição: doce, generosa, que ama incondicionalmente o filho e

é dotada de uma fecundidade “sem nenhum signo de exuberância sexual, amor profano ou luxurioso” (BOFF, 1979, p.227).

Dessa forma, Maria recuperou o lugar da divindade feminina cerceado pelas religiões patriarcais, resgatando muito do universo matriarcal anterior ao patriarcado, substituindo no imaginário de muitos povos as suas deusas que tinham como características principais a maternidade, a proteção e o aconchego do filho. Ela é hoje a divindade feminina que ocupou o lugar de todas as outras anteriores a ela, sendo cultuada no mundo todo.

### Referências

BÍBLIA. Trad. Pe. Matos Soares. 27 ed. São Paulo: Paulinas, 1971.

BOOF, L. *O rosto materno de Deus: ensaio interdisciplinar sobre o feminino e suas formas religiosas*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1979.

BRANDÃO, J. *Dicionário mítico-etimológico da mitologia grega*. Vol. I, 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1981.

\_\_\_\_\_. *Mitologia grega*. Vol. I, 13 ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

\_\_\_\_\_. *Mitologia grega*. Vol. II. 11 ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

BRUNEL, P. *Dicionário de mitos literários*. Trad. Carlos Susskind... [et. al.] 3 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.

CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. *Dicionário de símbolos*. 16 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.

CLARK, R. T. R. *Mitos e símbolos do antigo Egito*. Trad. Norberto de Paula Lima. São Paulo: Húmus, 19--.

DUARTE, E. de A. Iracema: a expansão portuguesa sob o signo de Eva. In. RAMALHO, C. (org.) *Literatura e feminismo: propostas teóricas e reflexões críticas*. Rio de Janeiro: Elo, 1999.

ELIADE, M. *História das crenças e das idéias religiosas – tomo 1: da idade da pedra aos mistérios de Elêusis*. Trad. Roberto Carlos de Lacerda. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

- FARJANI, A. C. *Édipo claudicante: do mito ao complexo*. São Paulo: Edicon, 1987.
- FORD, C. W. *O herói com rosto africano (mitos de África)*. São Paulo: Selo Negro, 1999.
- GIORDANI, M. C. *Historia da África anterior aos descobrimentos: Idade moderna I*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1983
- IONS, V. *Egyptian mythology*. London: Hamlyn, 1968.
- MACEDO, J. R. *A mulher na idade média*. São Paulo: Contexto, 1990.
- PARRINDER, G. *African mythology*. London: Hamly, 1967.
- SPALDING, T. Orpheu. *Dicionário de mitologia*. São Paulo: Cultrix, 1992.
- VERSLUIS, A. *Os mistérios egípcios*. Trad. Adail Ubirajara Sobral e Aníbal Mari. São Paulo: Cultrix, 1992.